

OS PRIMEIROS QUADRINHOS BRASILEIROS, CRIAÇÃO DE ANGELO AGOSTINI, RECEBEM PRIMOROSA EDIÇÃO REVISTA E DIGITALIZADA DIRETAMENTE DOS ORIGINAIS PELO PESQUISADOR ATHOS EICHLER CARDOSO



Zé apenas leu a carta, atirou-se sobre a cama, possuído de grande desespero.  
— Ué! eh eh! disse a rapariga.

— Posso ir embora?  
— Espera! Há de levar-lhe minha resposta.

E Zé senta-se e escreve.

A rapariga espera.

Depois de ter começado e rasgado muitas cartas, sobrescrita afinal uma que ele entrega. — Va e diga que eu espero resposta.

Pilhando-se só, retê a carta.  
Repara que a letra está bem apurada, o que faz supor que ela não deve estar muito indignada. Com certeza, ela não recusará a entrevista que lhe

# NHÔ QUIM E ZÉ CAIPORA RENASCEM NO SENADO

TT Catalão  
Da equipe do **Correio**

**A**té agora, a vanguarda da recuperação da memória gráfica visual vinha sendo representada solitariamente pela Editora Unesp e pela Imprensa Oficial do Estado de SP, com o lançamento de *O Cabrião* (em fac-símile), semanário paulista de Angelo Agostini, de sátira, humor e caricatura, publicado de 1866 a 1867. A Imprensa Oficial paulista também lançou três volumes em fac-símile do **Correio Braziliense** de 1808, com previsão para mais 28 volumes.

Mas a editora do Senado Federal,

presidida pelo senador Lúcio Alcântara (PSDB-CE), comemora os 176 anos da Biblioteca do Senado e entra na honrosa distinção das raras publicações gráficas e de ilustração da imprensa brasileira, com a edição digitalizada, a partir de originais, das primeiras histórias em quadrinhos no Brasil: *Nhô Quim* e *Zé Caipora*, também de Agostini — jornalista e ilustrador que tirou a imprensa brasileira do século 19 da monótona sopa de letrinhas.

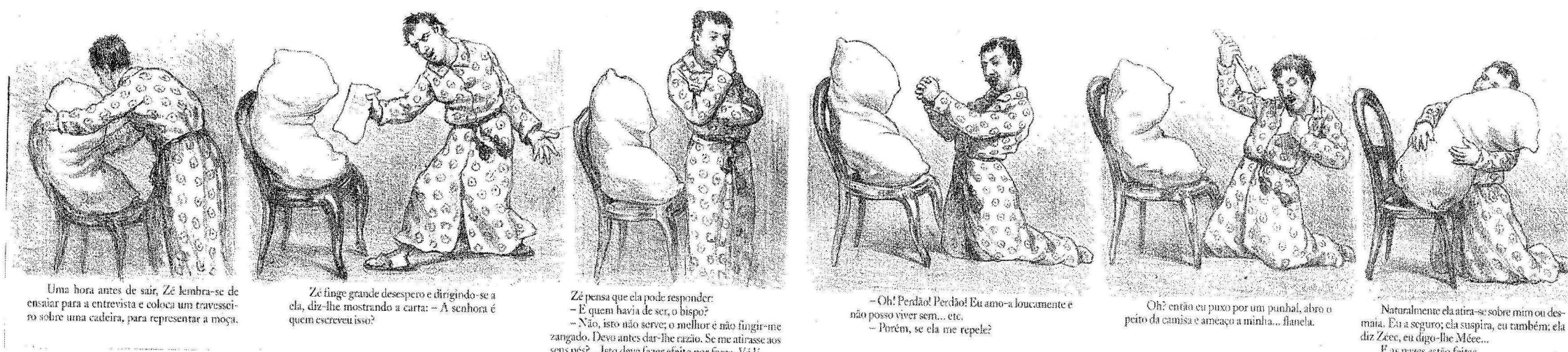
Nhô Quim e Zé Caipora nasceram antes do *Yellow Kid* de Richard F. Outcault, obra que leva a fama pioneira por mostrar o primeiro estilo narrativo no que entendemos hoje

como HQ. Longe de nova polêmica do tipo “pátria ultrajada”, no estilo Santos Dumont-Irmãos Wright, o *Menino Amarelo* tem o mérito de usar seu camisolão para as “falas”, o que remete ao balão de hoje. Mas quem disse ser a HQ definida pelo uso do balão? Ele é apenas um dos meios no repertório visual.

A bem-vinda reedição do Senado oferecerá material definitivo ao país desmemoriado pela maciça colonização. Agostini é extremamente mais sofisticado naquilo que o gênio criador de *Spirit*, Will Eisner, chamou de “arte seqüencial” (guardando as proporções, seria o mesmo impulso do homem que narrava a caça e “en-

feitiçava” o animal desenhado nas cavernas). Obra anterior e, já com um jeitão de HQ atual, está *Max e Moritz* (no Brasil, Juca e Chico) do alemão Wilhelm Bush em 1848.

Antecipa, inclusive, a elegância e a segurança de se fazer literatura visual consagrada em 1905, pelo surgimento do onírico e sofisticado de *Little Nemo*, de Winsor McCay. O valioso resgate do pesquisador Athos Cardoso resalta Agostini — em *Zé Caipora*, especialmente —, como “pai da HQ de aventura realista”. “Quanto à temática, somente ele inovava com história de aventura dramática, as outras eram humorísticas e satíricas, moda constante no século 19”, ressalta Athos.



Uma hora antes de sair, Zé lembra-se de ensinar para a entrevista e colocou um travessieiro sobre uma cadeira, para representar a moça.

Zé finge grande desespero e dirigindo-se a ela, diz-lhe mostrando a carta: — A senhora é quem escreveu isso?

Zé pensa que ela pode responder:  
— E quem havia de ser, o bispo?  
— Não, isto não serve; o melhor é não fugir-me zangado. Devo antes dar-lhe razão. Se me atirasse aos sens pés?... Isto deve fazer efeito por Jooia. Vá lá.

— Oh! Perdão! Perdão! Eu amo-a loucamente e não posso viver sem... etc.  
— Porém, se ela me repele?

Oh! então eu puzo por um punhal, alvo o peito da camisa e ameaço a minha... flandria.

Naturalmente ela atira-se sobre mim ou desmaia. Em a segredo; ela suspira, eu também; ela diz Zé, eu digo-lhe Mece...  
E as puzes estão feitas.

## NHÔ E ZÉ

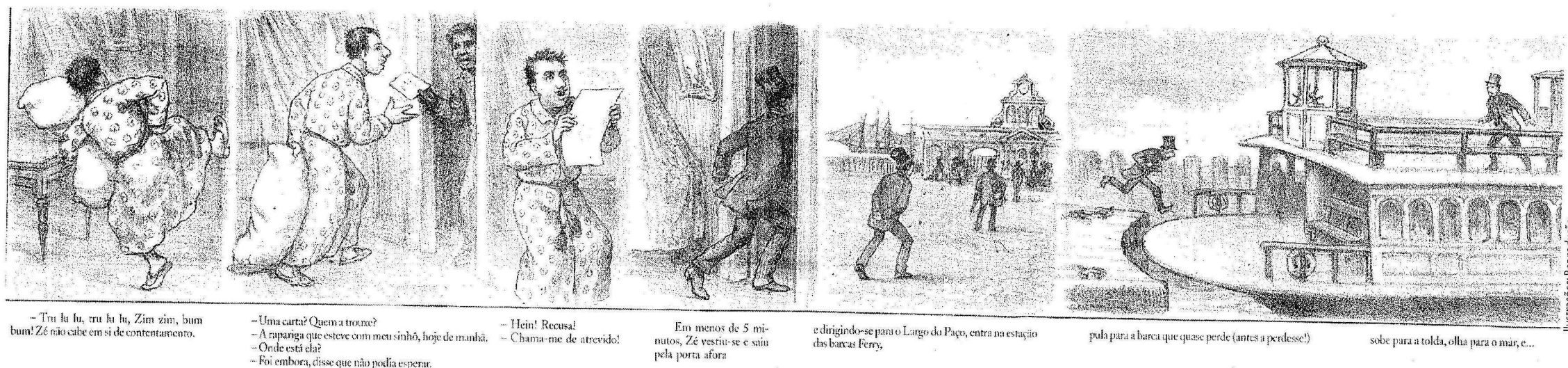
Agostini tinha 26 anos quando começou a publicar *Nhô Quim*, em 30 de janeiro de 1869 (o dia e o mês foram escolhidos para celebrar o Dia do Quadrinho Nacional). Escreve Athos no excelente prefácio da reedição do Senado: “Em *As Aventuras de Nhô Quim*, aproveitava-se das desventuras de um caipira rico, ingênuo, trapalhão

e exilado na Corte pela família para tecer uma sucessão de críticas irreverentes aos problemas urbanos, modismos, costumes sociais e políticos da época. Comerciantes, imigrantes, artistas, prostitutas de luxo, candidatos, eleitores, autoridades e até um ou outro jornalista e caricaturista, desafeto de Agostini, é censurado nessa série de incidentes jocosos”.

Aos 40 anos, Agostini começa, em 27 de janeiro de 1883, a publicar o *Zé* em litografia, PB, na sua consagrada

*Revista Ilustrada*: “é a obra-prima de Agostini”, afirma Athos. Inicialmente é cômico (capítulos 1 ao 11). Depois, torna-se herói de aventuras (12 ao 47) e finda romântico. O personagem resalta os conflitos entre o rural e o urbano (antecipa em ironia o impacto da semana modernista de 1922). Trata-se de José Corimba, um azarento que recebe o apelido Caipora (entidade do folclore que atrasa a vida de qualquer um). Athos vê extraordinária presença no Zé: “Agostini percebeu,

no romance de aventura, a importância do herói que ultrapassa perigos em viagem ou missão importante. Agostini criou a primeira heroína dos quadrinhos: Inaiá, a índia que encarna o mito das Amazonas, de Ariadne e de Diana, a caçadora, protetora e guia do Zé”. A publicação traz uma detalhada justificativa técnica para as liberdades gráficas que alteraram o original (tipografia, principalmente), glossário para os termos de época mais fontes e bibliografia consultadas.



— Tu lá tu, tu lá tu, Zim zim, buim buim! Zé não cabe em si de contentamento.

— Uma carta? Quem a trouxe?  
— A rapariga que esteve com meu sinhô, hoje de manhã.  
— Onde está ela?  
— Foi embora, disse que não podia esperar.

— Hein! Recusa!  
— Chama-me de atrevido!

Em menos de 5 minutos, Zé vestiu-se e saiu pela porta afora

e dirigindo-se para o Largo do Paço, entra na estação das barcas Ferry.

pula para a barca que quase perde (antes a perdesse!)

sobe para a tolda, olha para o mar, e...

## QUEM FOI AGOSTINI

Angelo Agostini (1843-1910) nasceu na Itália, mas naturalizou-se brasileiro. Viveu em Paris onde, adolescente, teve contato com a ilustração usada no sentido da comunicação de massa: arte aplicada a jornais, revistas e cartazes. Político até a medula, usava o traço como arma ferina para irritar autoridades e seus desmandos. Agostini chegou ao

Brasil em 1859 e começou em São Paulo, na revista *Diabo Coxo* (1864). De curta duração, o *Diabo Coxo* deu lugar ao *Cabrião* (1866).

Agostini entrou então em confronto com “os donos da ordem e da fortuna paulista” e, sob ameaças, teve que se mudar para o Rio. Colaborou na revista *Arlequim* (1867). Mais tarde na *Vida Fluminense* (1868-1875). Fundou o *Mequetrefe* (1875-1893) e

trabalhou em *O Fígaro* (1876-1878) e *O Mosquito* (1869-1875). Fundou e ilustrou a *Revista Ilustrada* (1876 a 1898); com *Pereira Neto* criou a *Dom Quixote* (1895-1903). Colaborou em *O Malho* (1902-1954) e *Tico-Tico* (1905-1959), revista infantil onde desenha as histórias do *Pai João* e fez o título de abertura com interferências na logomarca de capa. Em 1904, passou pela *Gazeta de*

Notícias e morreu um tanto desiludido com as coisas e política nacionais.

Leia mais sobre Nhô Quim e Zé Caipora e ilustrações de Agostini no [CorreioWeb/Colinistas](http://www.correioweb.com.br/colinistas/tt.htm)  
<http://www.correioweb.com.br/colinistas/tt.htm>